

LINGUASAGEM

FILMES E LIVROS: QUEM VIU O FILME LEU O LIVRO E VICE-VERSA? UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO LEITOR CONTEMPORÂNEO¹

Tania Vieira RANGEL²
Luzmara CURCINO³

Resumo

Neste artigo, buscamos apontar e responder algumas indagações sobre as representações discursivas sobre a leitura compartilhadas entre jovens universitários por meio da análise do que enunciaram sobre si como leitores e sobre essa prática, a leitura, acerca de livros que sofreram adaptações cinematográficas e que foram tanto lidos quanto vistos nas telas do cinema e da televisão por esses entrevistados. Esse leitor/espectador se vale de um imaginário do que é ser bom leitor fortemente ligado à quantidade de textos lidos e ao tipo de texto validado socioculturalmente, mas sobretudo aquele que lê na versão impressa, sob a forma de livro. Ao analisarmos os discursos sobre a leitura que frequentam os enunciados dos estudantes em relação às suas práticas de leitura no impresso e nas telas, com o advento das adaptações, podemos constatar que apesar de o cinema ser considerado uma forma de acesso de menor prestígio que o livro, e ser tratado como um inibidor da leitura para alguns, ainda assim as adaptações cinematográficas dispõem de uma imagem antes positiva no que declaram esses jovens.

Palavras-chave: Leitura; Adaptação cinematográfica; Jovens leitores; Livros e filmes.

¹ Este trabalho, fruto da Pesquisa de Iniciação Científica de mesmo título, contou com o apoio da FAPESP (Processo nº 2012/15329-5), orientada pela Profa. Dra. Luzmara Curcino, e vinculado ao projeto geral “Práticas de escrita e representações de leitura: a construção discursiva do leitor brasileiro na mídia contemporânea” (FAPESP, 2010/16139-0).

² Graduada em Letras – Português/Espanhol, pela Universidade Federal de São Carlos e membro do LIRE - Laboratório de Estudos da Leitura – UFSCar/CNPq. Contato: taniavrangel@hotmail.com

³ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, coordenadora do grupo de pesquisas LIRE – Laboratório de Estudos da Leitura. Contato: luzcf@ufscar.br.

Abstract

In this article, we seek to point out and answer some questions about the discursive representations related to the reading, and shared among young university students through the analysis of what they enunciated about themselves as readers and related to this practice, the reading, and about books that were adapted in film which they were both read and seen on the screens of cinema and television by these interviewees. This reader/viewer uses an imaginary of what it is to be a good reader strongly linked to the amount of texts read and the type of text validated socioculturally, but above all the one that reads in the printed version, in the form of a book. When analyzing the discourses on reading that attend students' statements in relation to their reading practices on the printed and on screen, with the advent of adaptations, we can verify that although cinema is considered a form of access of minor prestige than the book, and is treated as an inhibitor of reading for some, even so the film adaptations have a rather positive image in what these young people declare.

Keywords: Reading; Film adaptation; Young readers; Books and movies.

Introdução

"Para compreender melhor o entrelaçamento entre o cinema (em especial aquele que começamos a fazer na década de 1920) e a literatura (em especial a que começamos a fazer na década de 1920), talvez seja possível imaginar um processo (cujo ponto de partida é difícil de imaginar com precisão) em que os filmes buscam nos livros temas e modos de narrar que os livros apanharam em filmes; em que os escritores apanham nos filmes o que os cineastas foram buscar nos livros; em que os filmes tiram da literatura o que ela tirou do cinema; em que os livros voltam aos filmes e os filmes aos livros numa conversa jamais interrompida".

José Carlos Avellar

O cinema começou a se afirmar nas primeiras décadas do século XX e a apropriação de material literário sempre foi um recurso por ele utilizado. Essa apropriação foi uma forma de consolidar-se como um objeto cultural de dignidade, desfrutando, assim, de *status* semelhante ao atribuído ao livro. Desse modo, o texto literário não conferia somente uma reposição de histórias e técnicas narrativas, mas também estendia seu prestígio simbólico.

O encontro entre diferentes campos de produção cultural, não é novidade, embora tenham chegado ao auge com as tecnologias digitais. Figueiredo (2010) faz uma menção à relação entre a literatura e o jornalismo estabelecida já no século XIX, quando os romances passaram por mudanças em decorrência de suas publicações em capítulos sob a forma de folhetins e jornais. Com os jornais surgiu um novo tipo de leitor, o leitor

moderno, e com ele um novo tipo de escrita (o texto teve que se aproximar da escrita comum e da fala cotidiana).

Essa discussão sobre o impacto das novas tecnologias digitais se expande, em sua relação com as técnicas de escrita e de leitura. Elas não inauguram, mas intensificam as práticas do intertexto e a valorização dos aspectos externos ao texto, em detrimento da busca das significações ocultas sob a superfície textual. Como uma herança do movimento iniciado pela arte moderna essas mudanças se tornaram plenas com as tecnologias digitais. Chartier (1999) enfatiza a importância dessas mudanças que as tecnologias digitais promovem, produzindo uma revolução no campo da leitura, de modo semelhante ao que ocorreu quando do surgimento do *códex*, no início do período cristão, por meio da substituição do rolo pelo livro. Desse modo, estava sendo construída uma nova relação com a escrita, substituindo a materialidade do livro pela imaterialidade dos textos sem lugar.

Essa relação entre livros adaptados sob a forma de filmes, ora conflituosa, ora de complementaridade, motivou a nossa pesquisa acerca das representações de leitura do leitor contemporâneo. A exploração cada vez mais significativa e a forma de promoção mercadológica entre o mercado livreiro e a indústria cinematográfica nos faz refletir e debruçar sobre que tipo de relação um objeto pode estabelecer sobre o outro, se a leitura prévia de um livro que sofreu adaptação cinematográfica inibe ou desperta o interesse nesta outra forma ou vice-versa. Esse levantamento de dados visa a contribuir com as pesquisas acerca das práticas de leitura contemporâneas.

Portanto, neste artigo apresentamos um resultado parcial do levantamento de representações de leitura provenientes da relação entre a obra literária e a adaptação cinematográfica, apoiados na área de estudos da AD e alguns princípios da história cultural. Em nossa análise não entramos no mérito dos problemas relativos à adaptação fílmica de livros ou das diferenças de linguagem entre essas duas formas de expressão, como a passagem de uma linguagem a outra implica na verdade outro acontecimento discursivo, dadas as diferenças de construção da narrativa, de recursos empregados e de efeitos que se pode produzir sobre o leitor/espectador.

Para a composição de nosso *corpus*, valemo-nos da análise de uma comunidade leitora específica, 15 estudantes da graduação das três áreas do conhecimento (Humanas, Exatas e Biológicas) de faixa etária entre 18 e 25 anos, residentes na cidade de São Carlos, São Paulo, que responderam a um questionário com perguntas de alternativas e dissertativas. Esse questionário valeu-se em um primeiro momento de

perguntas relativas aos tipos de leituras a que os estudantes estão expostos (revistas, livros de romance, sites da internet, jornais, outdoors etc.) e como são suas práticas de leitura, avançando para suas impressões sobre a leitura, e por fim o estabelecimento da relação filmes e livros *versus* livros e filmes, no qual as perguntas resultam do impacto e do acesso a esses objetos. Ainda neste item, o entrevistado apontou seus conhecimentos quanto ao livro/filme e no final do questionário foi disponibilizada uma lista com títulos de filmes que passaram pelo processo de adaptação do objeto livro, de modo a estabelecer uma linha temporal, traçando, assim, efetivamente, o perfil do leitor/espectador pertencente a essa comunidade leitora.

Desse modo, objetivamos apreender, por meio da análise das respostas obtidas dos entrevistados, alguns indícios que possam contribuir para descrevermos o perfil de leitor/espectador desses jovens entrevistados, em conjunto ao projeto geral ao qual ele se filia.

Como aporte teórico de nossa pesquisa, apoiamo-nos na área de estudos da AD de linha francesa derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault, e desenvolvida por estudiosos brasileiros na esteira do pensamento desses autores, no que concerne a sua abordagem das condições de produção e circulação dos textos, logo dos sentidos por eles e a partir deles produzidos. Também buscamos apoio em alguns princípios da História Cultural, desenvolvidos especialmente acerca da história do livro e da leitura, sobretudo aqueles descritos pelo historiador e estudioso das práticas e representações da leitura e do leitor, Roger Chartier.

Análise dos questionários

Nos questionários, buscamos regularidades e discrepâncias entre as representações discursivas, por meio de comparações, e perguntas de alternativas e dissertativas. Partimos de questões que sustentassem a posição do leitor/telespectador. Nossas indagações se apoiam nas representações daquilo que é lido entre os jovens, relacionando como se lê, como se deve ler e quais as razões dessas leituras.

No primeiro momento do questionário, os entrevistados apontaram quais tipos de leitura estão habituados a realizar. Nas perguntas de caráter objetivo, percebeu-se um acesso significativo a diversos tipos de leituras, sendo os mais comuns ligados a meios que têm conexão com a internet (notícias em sites, mensagens por e-mail, mensagens ligadas nas redes sociais), o que teria relação com o momento tecnológico que vivemos, inclusive, nessa dada comunidade. Nessa modalidade, os tipos menos comuns entre os

jovens estão relacionados aos meios impressos (autoajuda, gibis) que são gêneros, muitas vezes, depreciados por esses jovens, como leitura considerada de pouco prestígio, por não estar relacionada às grandes literaturas, ou mesmo de um gênero ao qual não está associado à idade em que se encontram. Os gibis, por exemplo, quando são associados a essa comunidade de leitores recebem o nome de HQs, é como se houvesse implícito um novo *status*, como uma ordem de qualificação etária, ao passo que o termo “gibis” seria mais bem empregados à esfera infantil.

Um dado novo que de certo modo contradiz as questões levantadas em relação ao tipo de leitura que esse público tem acesso foi a incidência da opção de romances como leitura. Esse dado foi apresentado tanto nas respostas dissertativas quanto nas de alternativas. As leituras em suma são da ordem desses novos gêneros que apresentam sagas, que possuem vários volumes e em grande parte deles também estão disponíveis sob a forma de filme.

Uma das questões previa a forma como os jovens se enxergam como leitores, a fim de que pudéssemos verificar melhor quais eram suas impressões em relação à leitura. Houve um discurso bastante equiparado, de 15 entrevistados 7 se consideram bons leitores e 7 não se consideram. As justificativas foram diversas, mas as que surgiram com maior evidência no que tange a um bom leitor foram baseadas na quantidade de livros lidos (leram muitos e leem com frequência); após uma leitura emitem opiniões sobre o que é lido (são críticos quanto àquilo que têm acesso); a leitura provoca bem estar, prazer. Para fortalecer a opinião de que não são bons leitores, há a reprodução do discurso de que um bom leitor é aquele que lê em média de 2 a 3 livros por mês; não têm o hábito de ler; não têm tempo; trocam a leitura por outras distrações; as leituras são feitas superficialmente. Apenas um dos entrevistados considerou ambas as opções, bom e mau leitor, justificando a qualidade de sua leitura de acordo com o que o motiva (é um bom leitor quando lê aquilo que lhe interessa; mau leitor quando são leituras obrigatórias, pois não prendem sua atenção).

Resumindo, nessa comunidade de leitores, o tipo de leitura apontada como a mais frequente é a obrigatória, devido à vida universitária. Esse dado vai ao encontro da razão pela qual alguns consideram que leem pouco, visto que a leitura validada por eles é aquela que proporciona prazer ou de alguma forma está associada a pressupostos de valoração de alguns tipos de prática, como, por exemplo, as leituras de fôlego, os romances, literatura clássica. Para muitos, a demanda de leitura obrigatória durante a graduação interfere no tempo que poderiam ter para a prática de leituras que lhes

causam mais prazer. Nesses discursos, podemos entender que o leitor considera como leitura alguns tipos de textos, e que tanto no quesito positivo quanto negativo daquilo que o caracteriza como bom ou mau leitor associa à leitura aspectos qualitativos e/ou quantitativos.

Após criarmos um quadro quanto ao tipo de leitor que são os estudantes participantes, buscamos compreender se em sua esfera de convívio havia muitos bons leitores. A maioria respondeu positivamente, atribuindo *status* de “bom leitor” aos amigos/colegas que convivem no ambiente universitário, uma pequena parte atribuiu a amigos, mas sem especificar de onde os conheciam e outra atribuindo aos familiares. Uma hipótese para a atribuição desse status à esfera universitária pode ser a imagem pragmática, a partir das considerações de nota/desempenho dos alunos, aqueles que têm melhor nota são mais dedicados, leem mais e por consequência são bons leitores que conferem entendimento à leitura. Pêcheux (1997) trabalha a ideia de que os espaços estabilizados seriam impostos do exterior, como coerções, ao sujeito pragmático. Desse modo, o sujeito pragmático seria uma produção da necessidade de homogeneização lógica, porque é dito x e não y, porque nos comportamos de um modo e não de outro diante de uma determinada situação ou mesmo porque alguns usos e discursos são convencionados.

Quanto aos livros e filmes *versus* filmes e livros, pôde ser observado que a partir das perguntas de alternativa, a grande maioria dos graduandos gosta de filmes que são adaptações de livros. Para essa maioria, constatou-se que ao assistir a um filme e descobrir que ele é uma adaptação os leitores leriam o livro em seguida e o contrário, ler um livro antes de assistir um filme também é apontado. Mas, quando questionados se assistir a uma adaptação antes da leitura do livro poderia facilitar ou inibir, os jovens apontaram respostas bastante divididas. Para seis dos estudantes, essa prática facilita ou estimula a leitura do mesmo, já para sete deles, pode inibir e tornar desnecessária a leitura. Dois dos entrevistados consideraram ambas as respostas, levando em conta a qualidade e a recepção positiva da obra como fator decisivo.

No geral, os estudantes têm uma recepção positiva desta outra forma cultural que é a adaptação, conscientes de que esta não é fiel ao seu outro objeto, o livro. Mesmo com recortes em relação à obra literária, eles veem um aumento do valor e da repercussão da obra, expandindo seu contato a um público leitor mais amplo. Assim, tendo em conta a leitura entre os jovens, essas adaptações cinematográficas de livros, podem agir, de forma positiva, sendo capazes de difundir a literatura de modo que não

há somente a busca pelo livro, mas também por outras formas que difundam a cultura; o objeto filme pode ser um modo de incentivo à leitura dentro de uma sociedade tão tecnológica como a que vivemos.

Embora o impacto seja positivo, essa visão contradiz de certo modo a opinião daqueles que acreditam que há uma inibição em relação à adaptação para o livro quando se obtém o primeiro objeto, pois ainda que haja uma contribuição, os estudantes justificam que muitos jovens após assistirem ao filme se sentirão desmotivados a buscarem o livro, justificando fatores já mencionados, como, pouco tempo para ler e a grande quantidade de leituras obrigatórias, considerando também artifícios do cinema responsáveis por envolver a atenção do espectador.

Considerações finais

Buscamos neste artigo, apontar e responder algumas indagações sobre as representações discursivas do novo leitor, leitor/espectador de livros que sofreram adaptações cinematográficas. Como mencionado, este é um breve estudo, sobre essas práticas de leitura. Pudemos, então, constatar que o imaginário de bom leitor está fortemente ligado à quantidade e aos tipos de leituras realizadas. Ao analisar os discursos dos estudantes em relação às suas práticas de leituras cruzadas com o advento das adaptações, podemos constatar que apesar de o cinema ser considerado como inibidor da leitura para alguns, ainda sugere um impacto positivo como forma de conhecimento de outros objetos culturais.

Curcino (2012) aponta o processo editorial de publicação lento no Brasil como um dos fatores que contribuíram para formação tardia de leitores no país. Ainda que a urbanização no final do século XX tenha sido progressiva, o passo da democratização do acesso à escola não ocorreu como em outros países, em que houve um grande crescimento de gêneros editoriais de gosto popular. É importante ter em conta que, no Brasil, a leitura tenha que superar seu passado de educação elitizada, de condições precárias nesse setor e a concorrência com os meios audiovisuais de massa como forma de informação e entretenimento em detrimento de livros ou outros impressos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AVELLAR, José Carlos. **O chão da palavra: cinema e literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco. 2007, p. 8.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Trad. Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, Roger. Leitura e leitores ‘populares’ da renascença ao período clássico. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (orgs.). **História da Leitura no Mundo Ocidental 2**. Trad. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 117 – 129.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

COSTA, Antonio. **Comprender o cinema**. São Paulo: Globo, 2003.

CURCINO, Luzmara. **O leitor brasileiro: mutações técnicas e práticas de leitura na atualidade**. In: Revista Devenir. Universidad Autónoma de Chiapas (México), Disponível em <<https://sites.google.com/site/portaldevenirrev/> ISSN: 1780-4980> 2012.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas Migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Editora PUCRio: 7LETRAS, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

HÉBRARD, J. **Pode-se fazer uma história das práticas de leitura na Época Moderna? Os novos leitores revisitados**. Trad. Marília Barcellos. In: Seminário Brasileiro Sobre o Livro e a História Editorial. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <<http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/Herbrad4.pdf>>.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2ª ed. Campinas / São Paulo: Pontes, 1997.

Submetido em: 26/11/2018.

Aprovado em: 03/11/2019.

Como referenciar este artigo:

RANGEL, Tania Vieira; CURCINO, Luzmara. Filmes e livros: quem viu o filme leu o livro e vice-versa? uma análise de representações discursivas do leitor contemporâneo. In: **revista Linguagem**, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 98-105.